



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATAÍZE GONÇALVES PAZ

A DANÇA NA ESCOLA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS

ABAETETUBA-PA
2019

ATAÍZE GONÇALVES PAZ

A DANÇA NA ESCOLA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará como requisito avaliativo parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Otânia Seixas Ribeiro

ABAETETUBA-PA
2019

ATAÍZE GONÇALVES PAZ

A DANÇA NA ESCOLA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará como requisito avaliativo parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Otânia Seixas Ribeiro

Conceito: _____

Data: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Joyce Otânia Seixas Ribeiro

Prof. Dr. Dederal Brandão da Silva

Prof.^a Dr.^a Sandra Karina Pereira Mendes

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, que me amou mais que tudo nessa vida e ter sido meu consolo e alento em todos os passos de minha caminhada; aos meus amados pais, Izaneide e Ataíde, ao meu lindo filho Enzo Gabriel, a minha querida irmã Isane e ao amor da minha vida, Flávio Júnior.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por ter dado o melhor por mim que foi seu filho Jesus Cristo e me oportunizar vir a terra com um corpo físico a fim de ter experiências incríveis na mortalidade para o meu progresso eterno.

A minha amada mãe que abriu mão de alguns de seus maravilhosos sonhos para realizar os meus, por seu amor e dedicação maternal infindável, por se fazer presente em todos os momentos de minha vida e por cada palavra de apoio em cada passo da caminhada.

Ao meu querido pai, por não ter medido esforços na busca de sempre me dar a melhor educação, pelo apoio constante, incentivo à sua maneira e conselhos confortantes nos momentos difíceis.

A razão da minha vida, meu filho Enzo Gabriel, pela capacidade de despertar o melhor de mim como ser humano, sendo a maior motivação para não desistir de meus sonhos, por ser minha inspiração na busca de tornar a melhor profissional para buscar tornar o mundo um lugar melhor através da educação.

A minha maravilhosa irmã Isane, exemplar colega de curso, melhor amiga, companheira que vivenciou comigo com plenitude todos os momentos da graduação, pelos longos e agradáveis momentos de conversas, pelos risos, pelas brigas, choros, abraços tão ternos, trocas de conhecimento, apoio constante e por me dar exemplo que podemos ser excelentes em tudo que fazemos sem prejudicar os outros.

Ao meu querido esposo Flávio, pelo companheirismo e por adiar seus sonhos a fim de me oportunizar concretizar os meus, pelo apoio em todos os sentidos, por enxugar minhas lágrimas, me amar sem medidas e sempre me mostrando que eu sou capaz.

Ao meu cunhado e amigo Juscelino, pelo apoio, incentivo e por ter dado suporte em momentos de dificuldade, pelas visitas tão alegres que fez a mim e a minha irmã no campus em momentos de desânimo, por nos fazer sorrir.

A minha querida e exemplar orientadora Joyce Ribeiro, pela profissional incrível, pela humanidade, por acreditar no meu potencial, pelo auxílio nos momentos de dúvidas, pelos conselhos relativos a formação e pela pessoa incrível que é.

As amigas que foram os presentes que a graduação me deu, Ediane e Cláudia, mulheres de personalidade que se importaram comigo, me deram apoio e consequentemente deixaram marcas em minha vida e em meu coração.

As Celebidades do grupo Educar pela pesquisa, pela coordenadora Nazaré Pinheiro e demais alunos e funcionários, que me oportunizaram uma maravilhosa e riquíssima experiência a campo na Escola Cristo Trabalhador, por terem acrescido de forma significativa na minha construção educacional e profissional.

A todos os meus colegas e professores de graduação, que de alguma forma contribuíram de forma brilhante com trocas de conhecimento, especialmente ao meu

grupo TAITEE, pelos trabalhos e conversas produtivas e adoráveis momentos de confraternização.

Aos momentos com o grupo de pesquisa Gepege, onde foi aflorada a temática deste trabalho.

Os amo, gratidão sempre!

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza.

Juarez Dayrell

RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa etnográfica, realizada na Escola Cristo Trabalhador, com foco no Grupo Educar pela Pesquisa e seus integrantes. O objetivo foi investigar a constituição das identidades dos alunos que participam do Grupo. Como instrumentos de produção de informação utilizei a observação participante, a captura de imagens, a conversação, o questionário, que serviram para a composição do diário de campo. Os sujeitos da pesquisa foram alunos que participam do Projeto Educar pela Pesquisa, alguns funcionários da instituição e um grupo de professores. O problema de pesquisa apresenta as seguintes questões: Como a dança contribui na constituição de identidades dos alunos da Escola Cristo Trabalhador? Para auxiliar a reflexão contarei com Bourdieu (1983), Canclini (1989), Dayrell (2007), Ribeiro (2013) e Silva (2000). Como resultados destaco que a dança é uma manifestação cultural que auxilia na constituição de identidades dos alunos, pois participar do grupo de dança fornece aos alunos a compreensão de si próprio e do que está a sua volta; também enfatizo como o *Projeto educar pela pesquisa* incentiva a formação ética e cidadã dos alunos em razão das multiculturas presentes nesse espaço.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventude; Identidade; Dança; Educação.

ABSTRACT

The present work deals with an ethnographic research, carried out at Escola Cristo Trabalhador, focusing on the Educar Group for Research and its members. The objective was to investigate the constitution of the identities of students participating in the Group. As instruments of information production I used the participant observation, the capture of images, the conversation, the questionnaire, that served for the composition of the field diary. The subjects of the research were students participating in the Educate for Research Project, some employees of the institution and a group of teachers. The research problem presents the following questions: How does dance contribute to the identities of students of the Cristo Trabalhador School? To help the reflection I will count with Bourdieu (1983), Canclini (1989), Dayrell (2007), Ribeiro (2013) and Silva (2000). As a result I emphasize that dance is a cultural manifestation that assists in the constitution of students' identities, since participating in the dance group provides students with an understanding of themselves and what is around them; also emphasized how the Project to educate by the research encourages the ethical formation and citizens of the students due to the multicultural present in this space.

Key-words: Cultural studies; Youth; Identity; Dance; Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01: Fachada da Escola Cristo Trabalhador.....	16
Fotografia 02: O grande salão.....	17
Fotografia 03: Ensaio no salão do grupo educar pela pesquisa.....	20
Fotografia 04: Alunos do educar pela pesquisa em postura indígena.....	21
Fotografia 05: Cotidiano no salão.....	26
Fotografia 06: Grupo de logística.....	29
Fotografia 07: Venda do chopp bok's.....	31
Fotografia 08: Equipe fúria.....	33
Fotografia 09: Meninas da equipe fúria.....	33
Fotografia 10: Ousadia das meninas da equipe fúria.....	34
Fotografia 11: Show de rebolados.....	34
Fotografia 12: Dançando ao som da banda.....	36
Fotografia 13: Negro aprisionado.....	37
Fotografia 14: Guerreiros africanos.....	37
Fotografia 15: Dança dos guerreiros indígenas.....	38
Fotografia 16: Índios atirando flechas.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O COTIDIANO DA ESCOLA CRISTO TRABALHADOR	15
1.1 A ESCOLA CRISTO TRABALHADOR	15
1.2 O PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA	19
1.3 OBJETIVOS E FUNCIONAMENTO DO PROJETO	21
1.4 OS PARTICIPANTES DO PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA	23
2 A DANÇA NO PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA	25
2.1 OS ENSAIOS: VIVÊNCIA E CONFLITOS	25
2.2 O ESPETÁCULO E AS APRESENTAÇÕES	31
2.3 O PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA: PROCESSO EDUCATIVO E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	49
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu através dos diálogos presentes em meu grupo de pesquisa que foram de grande incentivo para o início de meus questionamentos referentes a cultura, identidade e toda forma de significação encontrada em nosso meio. Direcionei para o ambiente escolar, pois como espaço social proporciona todo os tipos de vivência, experiências, significados tanto dos sujeitos que lá se encontram como dos artefatos e objetos que a compõe. Procuro compreender aproximadamente como o grupo se faz presente na escola e como as manifestações lá encontradas auxiliam na constituição de identidades dos alunos.

O Cristo Trabalhador é uma escola bastante tradicional na cidade de Abaetetuba, no que diz respeito a qualidade de ensino e como instituição profissionalizante. O que me levou a direcionar minha pesquisa foi de o que a difere de outras é o projeto lá existente, chamado educar pela pesquisa, na qual se faz presente no seu contexto em determinada época do ano, pois, os ensaios do grupo ocorrem nos horários das aulas em determinados dias da semana, os integrantes são alunos que estudam na própria escola.

Os questionamentos do meu projeto surgiram a partir da observação do comportamento dos alunos e a importância que eles dão ao projeto, do modo como defendem e se sentem orgulhosos em pertencer a uma instituição que tem a dança como manifestação de cultura, o modo como demonstram paixão em dançar e se emocionam ao estar envolvidos, direta ou indiretamente com o projeto cultural. Assim, este problematiza a seguinte questão: Como a dança contribui na constituição de identidades dos alunos da Escola Cristo Trabalhador?

O objetivo da pesquisa é refletir as contribuições da dança no processo de constituição das identidades juvenis. Para embasar teoricamente este projeto, terei autores como Stuart Hall (2006), que traz a discussão direcionada a configuração de identidades na contemporaneidade, e do argumento de que os sujeitos são constituídos através de sua descentração. Michel De Certeau (2002), que enfatiza as culturas no cotidiano e traz a compreensão para tipos de cultura, como elas se fazem presente e como os sujeitos vão reconstruindo novos tipos de culturas através das existentes. No auxílio da discussão de identidades trarei Silva (2000); para reflexão acerca dos Estudos Culturais terei Silva (2004) e Canclini (1989); para o debate sobre as identidades juvenis terei Dayrell (2007) e Bourdieu (1983) que tratam de forma

bastante consistente o que se entende por cultura e identidades juvenis e de que forma elas se constituem; trarei Ribeiro (2013), para auxiliar na minha compreensão sobre a tradução de culturas no ambiente escolar.

Os estudos culturais de acordo com Silva (2004) concentram-se na análise das culturas, portanto, caracteriza-se como constituinte de uma forma de vida global ou experiências vividas por um grupo social; contudo, esses estudos buscam enfatizar uma luta em torno de significações. A cultura, aqui, corresponde a uma construção que produz valores para diferentes grupos na luta para estabelecer signos na sociedade como um todo. Essas construções culturais encontradas na Escola Cristo se desencadeiam por conta da diferença, que para Canclini (1989) é o entrecruzamento das forças trazidas pela modernidade, que o autor chama de hibridismo. As multiculturas acabam constituindo-se em um mesmo espaço traçando estratégias que permitem que esta entre e saia da modernidade. Silva (2004), enfatiza que a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como os grupos e as pessoas devem ser.

A compreensão acerca dos Estudos Culturais auxilia na compreensão do que se entende por culturas consideradas válidas e daquelas que são vistas como sem valor. A primeira corresponde aquela que tem significação para determinado grupo, aquela que resolve suas necessidades e que representa o indivíduo. Já a segunda diz respeito aquela que não corresponde ao seu modo social de vida e que não determina seu modo de ser, agir, falar. Silva (2004), destaca que os Estudos Culturais independem da vida social e de outras esferas que poderiam ser consideradas determinantes, todavia, o que mais importa é que busca conceber a cultura como campo que envolve a significação social. A cultura é um campo altamente conflituoso, pois

[...] é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder. Os estudos culturais são particularmente sensíveis as relações de poder que definem o campo cultural (SILVA, 2004, p. 134).

Os Estudos Culturais permitem a percepção que para existir o multiculturalismo, é necessário que nas relações haja diferenças, e muitas vezes a diferença é avaliada como algo negativo, portanto, o processo de significação dá-se pelas transformações e desigualdades.

Realizar a pesquisa será de fundamental importância em minha formação, pois me possibilitará realizar um estudo introdutório sobre a cultura, pois como explica Minayo (2015), a identificação com o tema e seus questionamentos são o primeiro passo para realizar uma pesquisa científica. No que diz respeito a importância acadêmica, vale ressaltar que meu maior anseio é compreender como um profissional pode ser um pesquisador, buscando visualizar as diversas manifestações culturais e como estas constituem as identidades. Em relação a relevância social, por um lado, acredito que esta pesquisa vai integrar um conjunto de trabalhos com o intento de buscar compreender os vários signos que circulam na sociedade, e que a constituem, a constroem e estão em constante modificação. Por outro lado, deixará uma contribuição científica para a análise cultural de nossas manifestações culturais locais.

Para me auxiliar acerca da compreensão da experiência etnográfica e em relação a teoria e métodos que ajudarão a direcionar esta pesquisa, bem como no tipo de abordagem que será utilizada, acionarei Marly André (1995) e Maria Cecília de Souza Minayo (2015). A metodologia utilizada neste projeto consiste na interpretação de dados de uma pesquisa qualitativa, que, para Minayo (2015) é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar, evidenciando de forma fiel as informações coletadas de meus interlocutores, na qual deverá ser realizada análise minuciosa e interpretação. A autora pontua que a abordagem qualitativa possui dois conceitos, no qual o primeiro consiste em análise e o segundo em interpretação de dados. A descrição é feita de forma fiel em relação aos dados informados pelo grupo pesquisado; desta forma a análise é feita a fim de explicitar o que a entrevista busca tratar como relevante; após a descrição e o tratamento dos dados é feita a interpretação, onde se busca compreender o que acontece no meio pesquisado. Minayo (2015) resalta que em relação a essas três formas de tratamento de dados qualitativos, é importante observarmos que elas não se excluem mutuamente, uma vez que nem sempre possuem demarcações distintas entre si.

Esta pesquisa é caracterizada como etnográfica, e realizarei a observação cotidiana na Escola Cristo Trabalhador, direcionada ao *Projeto Educar pela Pesquisa*, e seus componentes que são alunos da instituição. Também contarei com a contribuição de outros interlocutores como: professores, outros integrantes do *Projeto educar pela pesquisa* e funcionários da escola; para coleta de dados desses

interlocutores será realizada entrevista semi-estruturada, e conversas informais com participantes do projeto e os demais que fazem parte do corpo escolar. Farei observação participante na busca de compreender a cultura da escola, relatada um diário de campo para auxiliar armazenamento das informações obtidas. Outros meios para obter informações serão aparelho celular, para ajudar nas entrevistas e na captura de imagens, a fim de obter o material necessário para contribuir em minhas análises. Marly André destaca que "[...] um outro requisito da pesquisa do tipo etnográfica é a obtenção de uma grande quantidade de dados descritivos. Utilizando principalmente a observação, o pesquisador vai acumulando descrições de locais, pessoas, interações, fatos, formas de linguagem, e outras expressões que lhe permitem ir estruturando o quadro figurativo à realidade estudada, em função do qual ele faz suas análises e interpretações" (2008, p. 29). Utilizar de diferentes técnicas para a apreensão de dados também é uma característica da etnografia, mas basicamente pode ser feita pela observação participante.

Marly André (1995, p. 29) caracteriza a pesquisa etnográfica como “[...] um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação e as pessoas e grupos selecionados”. Certeau (2002) enfatiza que a cultura é tudo que está presente no cotidiano, na relação meio e sujeito. Os elementos que caracterizam esta pesquisa como uma etnografia são a observação das relações de poder, as diferenças como raça, etnia, gênero, sexualidade e identificar outros tipos de cultura durante a observação.

O primeiro capítulo consiste em apresentar o *lócus* observado, e como nasceu o *projeto cultural Educar pela pesquisa*, como se constitui atualmente e quem são seus integrantes. Já no segundo capítulo descreverei o que ocorre no cotidiano do grupo de dança, destacando as contribuições culturais que fornece aos alunos, e como constitui as identidades dos participantes. No terceiro capítulo enfatizo como o projeto fornece suporte e os auxilia na estruturação de coletividade, como esses jovens são incentivados a preocuparem-se com os outros numa concepção de ética e solidariedade. Concluo trazendo reflexões acerca do olhar cultural que deve se refinar através dos signos que compõe a sociedade e os sujeitos, como a juventude na escola Cristo trabalhador é constituída através do projeto educar pela pesquisa e de que maneiras a dança contribui para a compreensão dos outros, do próprio indivíduo e do que o cerca.

1 O COTIDIANO DA ESCOLA CRISTO TRABALHADOR

Esta seção inicialmente se constitui através de um olhar investigativo na Escola Cristo Trabalhador, com o intuito de destacar alguns aspectos culturais que lá se fazem presentes. Portanto, será organizada da seguinte maneira: primeiramente farei um apanhado geral da instituição, seu surgimento e qual a finalidade primordial para sua idealização; através da observação etnográfica do cotidiano escolar, identifico aspectos culturais problematizando a constituição de identidades dos alunos integrantes do *Projeto educar pela pesquisa*.

1.1 A ESCOLA CRISTO TRABALHADOR

A Escola Cristo Trabalhador está localizada na Rodovia Dr. João Miranda, km 02, bairro Cristo Redentor, no município de Abaetetuba, Pará. Encontra-se em uma zona periférica, ofertando o Ensino médio e a formação profissional.

A escola foi idealizada a partir de uma carência constatada no município, de criar oportunidades para o ensino, lazer e renda, que era perceptível pelo fato de haver na comunidade, pessoas com potencial para desenvolver atividades em diversas modalidades artísticas e profissionais tais como: mestres em engenharia naval, em marcenaria, em artesanato de miriti, em construção civil, e que necessitam de instrução no sentido de melhor se organizarem em associações, cooperativas e, assim, aperfeiçoarem e divulgarem seus produtos no mercado, ampliando dessa maneira, a geração de emprego e renda no município. Soma-se a isto uma característica notória da comunidade, que é o empenho em buscar conhecimentos e lutar constantemente por melhores perspectivas de vida. Esse interesse em muito contribui para o desenvolvimento de projetos que venham ampliar os horizontes e oportunizar uma melhor qualificação ou requalificação da mão-de-obra abaetetubense.

Em virtude disso, na década de 50, as Famílias Franco e Contente doaram um terreno à Prelazia Abaetetubense, administrada pelo Bispo Dom João Gaza, com objetivo de nele se construir uma escola profissionalizante. Nos anos 80, um grupo de Abaetetuba denominado como “Nossa Senhora do Pilar”, entusiasmado com a ideia tentou concretizar o sonho, unidos a Dom Ângelo Frosi, novo Bispo da Diocese, o que não foi possível devido ao alto custo do empreendimento. Com a chegada do Bispo

Dom Flávio Giovenale, no final da década de 1990, a Educação Profissional voltou a ser ponto de pauta das reuniões de entidades civis e religiosas, nas quais discutia-se a profissionalização e a inserção de jovens no mercado de trabalho.

Com a visita do Padre Xaveriano Nicola Masi à Itália em 2001, conseguiu-se os recursos necessários para a construção do prédio. A obra foi financiada pelo empresário Cezare Cusan e inaugurada em 15 de agosto de 2002, com o nome de Centro de Formação Profissional Cristo Trabalhador, sendo o primeiro centro de formação profissional do município, funcionando como filial da Associação Obras Sociais da Diocese de Abaetetuba. Dentre seus objetivos, destaco alguns, tais como:

- Realizar intervenções grupais com foco na arte-cultura e no esporte, despertando a criatividade e as habilidades dos adolescentes;
- Estreitar o relacionamento social dos educandos, valorizando os vínculos de companheirismo, construindo identidade relacional e proativa;
- Estimular a leitura dinâmica, a produção textual e a interpretação artística possibilitando a orientação e o fortalecimento de habilidades culturais.

Atualmente, a modalidade de ensino ofertadas na Escola Cristo Redentor são o Ensino médio e alguns cursos técnicos de capacitação profissional, com turmas no turno da manhã e tarde, atendendo por volta de 609 alunos; a gestora da escola é a Profa. por Maria Inês Viegas, o quadro geral é de 44 funcionários, sendo que todos os professores possuem nível superior.

Fotografia 01 – Fachada da Escola Cristo Trabalhador



Fonte: Paz (2018).

Na fotografia 1 é possível ver a fachada da Escola Cristo trabalhador, na qual nota-se do lado esquerdo uma passarela que dá acesso ao portão de entrada; é possível ver a mureta que sustenta grades, e que remete ao controle que se deseja estabelecer de quem está dentro da instituição; na mureta ainda é possível observar a identificação da instituição que se estende até a extremidade do lado direito da foto, à qual é seguida por outro portão que é acionado por um funcionário da escola, para a entrada de veículos, tais como motos, caminhonetes e carros. Próximo ao primeiro portão citado é possível observar um pequeno arbusto, com flores vermelhas e no espaço de fora da escola, a grama minada por ervas daninhas. Na parte interna da escola encontra-se, logo após cruzar o portão, um corredor extenso, no qual estão localizadas as salas da direção, da coordenação, da secretaria, a sala de professores e o banheiro. Em frente à escola é possível observar um grupo de alunas conversando próximas ao quadro de avisos; no interior da escola e em toda a extensão do prédio existem balancins fechados, com vidros transparentes, que auxiliam na claridade interna do corredor.

A parte de dentro da instituição contém um grande salão que é como uma via de passagem para todos os outros espaços da escola; neste espaço haviam grupos que se dividiam entre os que estavam nas laterais sentados no chão e outros no centro que ocupavam alguns bancos, algo que me chamou atenção, por isso, meu olhar direcionou-se a esse amplo espaço.

Fotografia 02 – O grande salão



Fonte: Paz (2018).

O salão é o local favorito dos alunos, pois de acordo com eles, é lá que tudo acontece, como brigas, encontros, conversas, danças, etc. Foi relevante observar que todos os dias por mais que estejam em aulas, saiam cedo ou mesmo quando não tem aula na escola, eles sempre estão lá no salão para socializar, conversar, rir e dançar. Esse fator remete a características típicas da juventude, e o espaço auxilia nessas construções de identidade e relações sociais.

A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as 'obrigações', o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. [...] a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Ao olhar para o lado esquerdo do salão, visualizei janelas e uma pintura que remetia a influência religiosa católica, que se fazia bastante presente em diversos espaços da escola, devido a mesma ser conveniada a paróquia; a pintura terminava no telhado e ao lado dela estava escrito Espaço Cultural Pe. Nicolas Mais; me encaminhei até esse espaço e pude constatar que se tratava de um refeitório e que em seu interior localizava-se a cozinha. O espaço escolar:

[...] tem de ser analisado como um construto cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos [...] os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo que impõem suas leis como organizações disciplinares (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 26-27).

Retornando ao salão, olhei para frente e observei que havia uma quadra que não era coberta e um terreno ao lado tomado por mato, separado do salão por uma mureta; essa mureta carregava muitos signos que representava aspectos de diferentes culturas, com escritos e rabiscos dos próprios alunos, muitos quase apagados por conta do tempo. Todas estas marcas presentes neste espaço contribuem para a construção e reafirmação de culturas, principalmente no que tange a formação da juventude, ajudando a compreender quem são estes jovens. Para Bourdieu (1983), essa análise nos auxilia a compreender que a juventude não está baseada apenas na idade cronológica, mas a partir de uma visão de tudo que os rodeia.

Por mais que a influência da Diocese seja muito presente no que diz respeito a religiosidade, percebi que os jovens têm sua forma de se expressar e de sobrepor aspectos típicos da idade mostrando resistência a leis escolares que os disciplina.

Ao analisar mais esse ambiente, observei a sala da coordenação pedagógica, que era composta por uma vidraça ao longo de toda a sua extensão; este é um local estratégico, pois permitia a visibilidade de quase todos os espaços da escola, inclusive, do salão que é o local preferido de sociabilidade dos jovens. Era possível notar que a sala da coordenação pedagógica é um lugar onde os membros da direção sempre se encontravam e, se algo acontecia no salão ou nos seus arredores, poderia ser visualizado, resultando na rápida intervenção, garantindo o controle das mais diversas situações. Para Frago e Escolano (1998), o aquário como espaço panóptico, auxilia com uma visão panorâmica para todos os espaços, e esta situação de controle faz com que seja imperceptível aos indivíduos, que seguem sem notar que estão sendo observados, favorecendo certo “acordo” com as regras que se instituem.

A escola conta com mais dois corredores, nos quais se localizam as salas de aula: no primeiro estão as salas de primeiros anos e no final havia um laboratório de ciências; no segundo, há salas de segundo e terceiros anos, contando também com uma biblioteca e sala do Atendimento Educacional Especializado. Pude notar que próximo a sala da coordenação pedagógica, havia outro bloco, e ao me aproximar notei que se tratava de uma sala com equipamentos da escola, sendo a outra, um auditório. No outro lado, havia banheiros masculino e feminino, uma lanchonete e duas salas de cursos profissionalizantes; ao lado, estava uma passagem com grade trancada, que dava acesso à outra escola do complexo, que fica ao lado.

A seguir, farei a descrição do *Projeto Educar pela Pesquisa*, uma iniciativa cara a escola.

1.2 O PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as instituições de ensino devem propiciar aos alunos a educação que concerne as culturas afro-brasileira e indígena, que fazem parte de sua história e também para a sua própria formação, tanto individual quanto social; entretanto, é preciso propiciar um conteúdo programático que contemple o ensino de qualidade e que estabeleça essas diretrizes para a inclusão no currículo.

O projeto surgiu com o intuito principal de oportunizar aos jovens do bairro, no qual a escola se localiza, vislumbrar as diversas perspectivas que a educação pode proporcionar, por meio das artes, para construir sua autonomia a partir de um auxílio

educativo. Sendo assim, o projeto foi nomeado “*Educar pela pesquisa*”, sendo elaborado no ano de 2011, e coordenado pela professora Nazaré Cardoso, com o intuito de aplicação da lei 10.639, na qual entende-se que,

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Lei 10.639/03, art. 26, § 1º e 2º)

Fotografia 03 - Ensaio no Salão do Grupo educar pela pesquisa



Fonte: Paz (2018).

Para a inserção do projeto na escola, Nazaré Cardoso contou com a parceria do professor Valter Mendes que atualmente é o diretor artístico do projeto. O primeiro espetáculo contou com uma Obra de romantismo de Juca Pirama e Gonçalves Dias; a partir do primeiro espetáculo, a parceria dos professores Valter e Nazaré resultou na formulação de focar em aspectos que ressaltassem a história do Brasil e suas culturas; atualmente, o projeto organizou para o ano 2018 o espetáculo de dança e teatro denominado: “SOU NEGRO, SOU ÍNDIO. Mais que um encontro de águas, um encontro de culturas.

Nesse formato, é retratada a resistência¹ do negro africano e do indígena, e a motivação dos professores do projeto se deu para que pudessem trazer para os espetáculos, construções poéticas dos próprios negros e afrodescendentes. Neste ano de 2018, a coordenação celebrou parceria com a Escola Stella Maria, no bairro do Algodoal, na qual a professora Nazaré também faz parte, com o intuito de aliar forças e estender o projeto para outros bairros periféricos.

1.3 OBJETIVOS E FUNCIONAMENTO DO PROJETO

No início o projeto foi pensado somente para o trabalho com teatro e dança, mas com o passar do tempo foi acrescentada a música, a poesia e o artesanato e, hoje, conta com a participação em média de 75 alunos da escola, sendo 44 Moças e 31 rapazes. Os ensaios ocorrem nos turnos matutino e vespertino, oportunizando aos alunos participarem sem interferir os horários de aula já que eles são direcionados a ensaiarem no contra turno ao que estudam. Os ensaios normalmente ocorrem nos dias de terça-feira, quinta-feira e sexta-feira, e cada dia da semana se direciona a atividades específicas.

Fotografia 04 - Alunos do educar pela pesquisa em postura indígena



Fonte: Machado² (2018)

¹ Para Giroux, a resistência é o ato de contestar, reagir, insurgir, contra ações e ideias de controle e domínio.

² Machado é um professor que foi convidado a tirar algumas fotos de ensaios, do dia do espetáculo e postou no face book, como eu não estava na escola em tempo integral e também não fiquei o dia todo

O objetivo primordial do projeto é proporcionar autonomia, reconhecimento cultural e das identidades dos alunos, e também contribuir para que eles conheçam outras artes a fim de auxiliá-los na compreensão de sua própria história.

O interessante de um projeto como esse, pra linguagem artística e oferecer algo que é aquele conteúdo trabalhado em sala de aula, buscar outras formas que não seja a linguagem escrita, a linguagem dos livros, dos textos, mas também a linguagem corporal pra poder aprender o conteúdo (Professor Valter, entrevista, 2018).

Outro objetivo, é oportunizar que alunos da periferia possam compreender seu potencial, auxiliando na autoestima dos integrantes, com um projeto que fosse relevante para a comunidade, oportunizando o conhecimento de outras artes como teatro, dança, música, para que ampliassem e aprofundassem o processo educativo.

Eu acho que ela quer dizer assim, que tem que pensar muito que o projeto dar autoestima né, na escola pública os alunos são da periferia, são meninos que assim nunca tiveram oportunidade de ir a um teatro, de estudar dança é a situação de exclusão que a população brasileira, pobre, não tem acesso, a arte, então um projeto como esse, traz a possibilidade de trabalhar a cidadania, na perspectiva de dar oportunidade para o aluno, tem coisas que ele não teria outro meio de conhecer, uma cidade que não tem e mesmo nas grandes cidades não tem oportunidades para as famílias pobres, né (Professor Valter, entrevista, 2018).

Os jovens que participam do projeto são divididos em várias comissões, que são, dança, acessórios, logística, música, que auxiliam em atividades direcionadas a essas ocupações; umas dessas comissões, definida como o coração do projeto, é a Logística, a qual conta com jovens que auxiliam no processo de organização dos ensaios, no espaço, em elaborar convites aos demais alunos para serem integrantes do grupo; na ausência da professora nos ensaios, são estes que tomam a frente para que o projeto possa ter andamento.

No dia do espetáculo - como é chamado o evento - são eles os responsáveis em dar o suporte necessário a todas as outras comissões. Há também a comissão de dança, na qual são os próprios jovens que executam as coreografias; em média esse grupo conta com um quantitativo de 62 alunos e alunas, destacando que essa é uma das comissões que mais tem integrantes. O projeto também conta com a equipe de acessórios e bijuterias, responsável por produzir acessórios e adereços que constituem o figurino. Há também a equipe de música e instrumentos que consiste em produção de melodias e canto no dia do espetáculo.

na apresentação final, utilizei suas fotos pela definição de imagem e por retratarem a temática que tratei neste trabalho.

Apesar de serem separados em comissões, todos ajudam no que podem, pois, de certa forma, os integrantes do grupo passam por todas as comissões; sem falar que existem alguns que participam de mais de uma equipe; esta é uma atividade que se dá de forma coletiva e todos os envolvidos buscam dar o seu melhor, já que para eles o projeto tem grande significado afetivo.

1.4 OS PARTICIPANTES DO PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA

Os participantes do projeto são jovens estudantes da própria escola, moradores do próprio bairro, logo, residem nas proximidades da escola, no bairro que também é chamado Cristo; a faixa etária desses jovens é de 14 a 20 anos. Há no total em média de 75 participantes, dos quais 31 são rapazes e 44 são moças, no entanto, estes números podem mudar até o dia do espetáculo, pois alguns alunos saem e outros entram. Não há informações se o grupo conta com alunas lésbica, bissexuais ou transexual, mas conta com a participação de 3 alunos gays; assim, 72 participantes se autodeclararam heterossexuais, 75% são católicos e os outros 25% professam outras religiões cristãs protestantes e a umbanda. A maioria desses jovens são mestiços e negros, e apenas 3% se consideram brancos.

São jovens de classes populares, considerados moradores de zonas com vulnerabilidade social. Os problemas mais graves constatados no bairro pelo Projeto Político Pedagógico - PPP da instituição foram: drogas 38%, violência 19%, roubos 12%, miséria 9%, entre outros. Esses problemas retratam a realidade social da periferia onde a escola está inserida, e os autores Frago e Escolano (1998, p.22) “[...] destacam que a escola desloca-se para as periferias marginais, longe dos núcleos de maior poder e influência, sob o ilusório e ingênuo pretexto das recomendações de higienismo, da estreita visão ecológica e do naturalismo neo-romântico”.

As moças e os rapazes relatam que sua busca para participar do projeto auxilia com que eles não fiquem com o tempo livre no turno oposto as aulas.

O projeto sempre me representa dentro da escola. A princípio o meu intuito pelo projeto era conseguir me transformar em uma nova pessoa, tanto é que entrei pra comissão de logística e tem sido bastante produtivo, eu consigo me tornar agora mais sábia, mais pulso firme e mais autoritária nas minhas decisões e quando eu preciso de algo que a escola tem que fornecer, eu participei e decidi participar do projeto por que eu já sabia que as oficinas forneceriam tais mudanças pra minha vida (Thayana, conversaço, 2018).

O que a gente faz é uma coisa que vale muito apena, é uma coisa que a gente faz de corpo e alma, então é uma coisa muito bem feita, por que o maior pagamento que ela pode me dar é reconhecer o meu esforço. O projeto foi uma coisa que eu aprendi amar, deixei de fazer outras coisas pra eu vim pra cá, e cara ali é o meu lugar (Felipe, conversaço, 2018).

O projeto veio pra me ensinar, me acalmar, como tratar as pessoas em situações diferentes, eu não sabia lidar com as pessoas, então tá sendo uma grande escola pra mim, tô aprendendo muitas coisas, tô tendo várias reponsabilidades que eu não tinha antes e eu só tenho a agradecer a professora e ao projeto por que cada ensaio, cada aula é um aprendizado, eu tô realizado, tô muito feliz (Ronildo, conversaço, 2018).

Sendo assim, notei a presença dos integrantes nos ensaios na escola, seja para usar a quadra, ou para encontrar os amigos para simplesmente conversar. Os professores relatam que a escola serve como uma válvula de escape aos problemas sociais do bairro ofertando um espaço de lazer com boas influências. Contudo, para os professores e demais funcionários da escola, o grupo de dança é mais que um projeto, é uma oportunidade a mais de conhecimento aos alunos, é uma chance de formação cultural e educativa, para que se tornem sujeitos capazes de transformar a sociedade, sua realidade e que compreendam quem são.

2 A DANÇA NO PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA

Nesta seção aprofundarei a experiência de observação de perspectiva etnográfica realizada na Escola Cristo Trabalhador, trazendo uma reflexão acerca dos ensaios do projeto educar pela pesquisa, enfatizando alguns conflitos existentes, e também a importância dos eventos e do espetáculo para os alunos da escola, destacando de que forma estes auxiliam na sua formação educativa e na constituição de suas identidades.

2.1 OS ENSAIOS: VIVÊNCIA E CONFLITOS

O grupo “*Educar pela pesquisa*” é bastante numeroso, e é de certa forma impossível que todos tenham afinidade e laços de amizade; diante disso em meio a vivência cotidiana, pude observar bastante acontecimentos conflituosos.

Na minha chegada a instituição logo deparei-me com um grupo que estava bem no centro do salão ouvindo músicas de estilo *funk* bastante dançantes, e por ser uma pessoa diferente naquele espaço, despertei a atenção do grupo; com isso um rapaz *gay* que estava naquele grupo começou a me olhar repetidas vezes, e em seguida começou a dançar, juntamente com duas de suas amigas, que o acompanharam nos passos que ele realizava; ele continuou sua dança e sempre com o olhar na minha direção, com um semblante bastante seguro do que estava fazendo, como se quisesse atenção voltada para si; não passou despercebido por ninguém que por ali passava. Falei com uma das alunas que estavam próximas a mim, e ela disse que o salão era sem dúvida o lugar preferido de todos os alunos, inclusive dos alunos do projeto, pois lá tudo acontece, e que esse grupo que estava a dançar fazia parte do projeto.

Ao frequentar os ensaios notei que alguns dos alunos *gays* participantes do projeto viviam um conflito em relação ao espaço, a busca de reconhecimento e que para isso, tentavam se destacar ao máximo, sendo que o intervalo era o momento em que se reuniam com seus pequenos grupos para executar e ensaiar os passos de dança que não tinham ligação com o projeto, buscando sempre marcar o seu lugar e seu *status* na escola. Ao conversar com a aluna perguntei-lhe qual local era o mais interessante na escola, e ela respondeu dizendo:

[...] sem dúvida era o salão, pois lá tudo acontecia. Enquanto conversava mais com a Káren, percebi que um aluno gay e que estava com um grupo no salão dançava ao som de seu fone de ouvido, que eram brancos e chamavam bastante atenção, este aluno dançava e me olhava a todo o momento rindo, como se estivesse se mostrando, ele passou em meu lado algumas vezes, como se estivesse querendo chamar atenção e retornava ao salão para dançar. Perguntei quem ele era, pois ela também havia percebido a insinuação do rapaz, então perguntei a ela quem ele era, e ela me disse que ele gostava muito de dançar, e que fazia parte de um projeto de dança que havia na escola. Ela disse que ele e outro gay se de gladiavam por espaço, atenção e popularidade na escola, também disse que fazer parte do grupo significava ter status para eles, ela também disse que o salão da escola é como se fosse um palco para eles se manifestarem e se mostrarem (Káren, conversação, 2018)

Fotografia 05 – Cotidiano no salão



Fonte: Paz (2018)

O salão na Escola Cristo é um espaço informal onde um tipo de construção social ocorre, pois cada lugar do salão representa um prestígio diferenciado, que é necessário apreender.

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas (DAYRELL, 1996, p. 2).

Apesar de ser um local bastante procurado pelos alunos, observei que existem regras implicitamente estabelecidas na ocupação de cada lugar: existem os que sentavam nas laterais do salão, que são os alunos e alunas que normalmente não participavam de atividades relacionadas ao projeto; os alunos que tinham popularidade normalmente ocupavam o melhor lugar do salão, que eram os bancos

de madeira dispostos bem no centro do salão. Ao conversar com um funcionário, ele relatou que essa divisão de espaço sempre ocorreu e se reafirmou com a colocada dos bancos, já que os grupos dos alunos que fazem parte do projeto são sempre numerosos, e quando chegam ao salão sentam-se e logo tomam conta dos bancos.

[...] diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significado (DAYRELL, 2007, p. 1112).

Foi possível observar que sempre haviam alunos ocupando o salão para expor algum tipo de dança: ora dançavam capoeira³, ora dançavam funk⁴, ou hip hop⁵. Os alunos do projeto sentem-se à vontade para dançar, cantar e também são os que mais falavam com os demais alunos; acredito que o fato de serem conhecidos facilita esse relacionamento. Para Dayrell (2007), a sociabilidade é uma das dimensões da condição juvenil aliada as questões culturais, pois proporciona aos indivíduos a troca de ideias, assim, aqueles que se destacam são vistos como o exemplo a ser copiado. Essa observação ressalta o motivo de os integrantes do grupo de dança estarem sempre rodeados de outros colegas, em uma interação com o Outro que se assemelha e se diferencia, e auxilia na construção cultural de cada um; o autor reafirma que:

[...] A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, 'trocam ideias', buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um 'eu' e um 'nós' distintivos [...] A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos ('os amigos do peito') e aqueles mais distantes (a 'colegagem'), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras. O movimento também está presente na própria relação com o tempo e o espaço (DAYRELL, 2007, p. 1112).

Um outro espaço bastante usado pelos alunos, inclusive o local mais almejado para que se realizassem os ensaios do projeto é o auditório; por conta da disputa por esse espaço, ocorrem diversos conflitos, pois os alunos do projeto chegavam para ensaiar e se o espaço já estivesse sendo ocupado por professores e outros alunos,

³ A capoeira é uma dança de Raízes africanas e se instalou no Brasil no século XVI, quando o Brasil era colônia de Portugal.

⁴ Funk é um gênero musical que surgiu da música negra norte-americana nos anos 1960, com uma mescla de ritmos Soul, Jazz e R e B.

⁵ O Hip Hop é um estilo musical que surgiu na década de 1970 como um movimento cultural entre os latino-americanos, os jamaicanos e os afro-americanos da cidade de Nova York mais precisamente no sul do Bronx.

isso gerava muito desconforto a eles, pois havia momentos que expressavam indignação pois não se sentiam apoiados pela coordenação, falando que o projeto era muito importante a escola e que não se dava o devido valor. Nesses momentos, eles se aglomeravam em um grupo numeroso e quando Thayana ou a professora Nazaré chegavam, o grupo falava que queriam ensaiar e que elas encontrassem uma saída. Houve um dia em que esta situação se repetiu e conversando com a comissão de logística, a aluna Thayana bastante agitada, disse:

Professora, é sempre essa mesma história, eles ocupam o nosso espaço, mas nós precisamos ensaiar, o ar da sala deles quebra, eles têm outra sala para ir, mas insistem em ocupar o nosso espaço; vamos ter que ensaiar no salão, não tem outro jeito (Thayana, conversação, 2018).

Dentro do projeto, observei que a equipe de logística tem bastante responsabilidade no que diz respeito a organização, elaboração e execução das atividades, e que os membros que a compõe são os que sempre estão presentes em reuniões para decidir e colocar em pauta assuntos relativos ao *Projeto educar pela pesquisa na escola*; eles também são os maiores responsáveis na ausência da professora Nazaré Cardoso, que relata que esses alunos são seu braço direito.

Notei que Thayana é uma das mais engajadas e por conta de realizar as anotações do cotidiano do projeto acaba ocupando o lugar de líder no grupo de dança; ela está há dois anos no projeto, e tem muita autonomia e participação nas tomadas de decisões, que não se restringem somente ao grupo de dança. Ela é uma das alunas que mais me chamou a atenção pela sua postura de líder, pois quando a professora precisa se ausentar por algum motivo, ela organiza o grupo e as atividades a serem realizadas.

Houveram dois momentos em campo nos quais percebi a autonomia e a liderança que um membro da comissão de logística exercia; o primeiro em um momento antes de iniciar o ensaio em que os alunos entraram na cozinha para aguardar as chaves para a abertura do auditório, e ao entrar no espaço, uma das funcionárias viu os alunos e reclamou pois eles não deveriam estar ali sozinhos; então a aluna Thayana levantou-se calmamente e com bastante firmeza no tom de voz e na escolha das palavras, disse que eles estavam lá com a autorização prévia da coordenadora que, inclusive, autorizou que entrassem para pegar a chave. No segundo acontecimento, já em outra ocasião, os alunos precisavam pegar uma caixa

de *chopp*⁶ na geladeira para vendê-los, e pularam as janelas, sem que a aluna Thayana percebesse; quando uma das merendeiras chegou, se deparou com a cena, chamou a atenção do grupo e naquele mesmo momento, Thayana chamou a atenção do grupo dizendo que não poderia falar nada a favor deles, pois eles haviam agido errado; em seguida, a aluna pediu para que todos se retirassem da copa e eles prontamente obedeceram.

Fotografia 06 - Grupo de Logística
(Willian a esquerda, Thayana ao centro, Melry a direita)



Fonte: Paz, 2018.

Na foto, é possível observar a postura dos alunos da logística, sempre atentos ao que está acontecendo, realizando anotações do cotidiano; suas identidades juvenis são constituídas a partir das atribuições que tem e experiências que vivem. Bourdieu (1983, p. 114) ressalta que “[...] a juventude não se determina apenas pela restrição de um determinado dado cronológico e biológico do indivíduo, a juventude pode ser caracteriza por interesses, responsabilidades e dados socialmente constituídos”.

Para Ribeiro (2013), o uniforme escolar é um artefato que foi adotado com a finalidade de obter ordem, organização, disciplinamento e também facilitar a identificação. Os alunos sujeitos desta pesquisa, por terem a percepção do uniforme como norma homogeneizadora, vivem certo desconforto, pois a todo o custo buscam diferenciar-se uns dos outros, incluindo outros itens que proporcionem essa diferenciação e individualidade.

⁶ Suco congelado em pequenos sacos plásticos de 10cm, que amenizam o calor.

Desse modo configura-se outro tipo de conflito entre professores e alunos, pois os professores buscam manter a ordem pelo padrão estabelecido pela instituição, principalmente em sala de aula, e os alunos resistem expressando-se através de seu modo de vestir; os alunos incrementam seu uniforme, com bonés (mas a todo momento é solicitado que sejam retirados), e acessórios como correntes; outros rasgam suas calças conforme a moda atual, outros tem desenhos ou rabiscos estampando suas camisas de uniforme, enfim, foi perceptível que grande parte dos alunos usavam casacos amarrados a cintura, por mais que a tarde fosse de muito calor.

É válido afirmar que os significados que circulam na cultura global no que diz respeito a comportamento e vestimenta refletem nas mudanças que são efetivadas por esses jovens da Escola Cristo Trabalhador.

Os alunos que faziam parte do projeto também são cobrados em relação a padronização e disciplina que a escola busca enfatizar; em um dos ensaios um dos coreógrafos ficou constrangido, pois a roupa de uma das alunas era muito curta; no fim do ensaio Thayana chamou a atenção do grupo para que usassem seus uniformes de educação física, e principalmente as meninas trocassem os *shorts* por calças *leging*; o Prof. Valter enfatizou que do portão para dentro deveriam vestir-se dessa forma, mas que ao sair tinham a liberdade de vestirem-se como quisessem.

Uma das marcas do projeto era o *chopp bok's*⁷, o *chopp* da moda, vendido pelos integrantes do grupo de dança, com muito orgulho pois o dinheiro auxiliava financeiramente com custos básicos do projeto, além de ser sua marca registrada; alguns alunos eram designados a venda dos chopps em dias alternados e em lugares estratégicos.

A coordenadora do projeto sempre dizia que eles tinham muito talento e que deveria ser usado para algo que fosse importante para eles; sempre eram os meninos que cuidavam disso.

⁷ Chopp bok's é uma marca do grupo educar pela pesquisa sempre sugerindo que quem consome o produto está na moda, a palavra bok's no linguajar juvenil dos alunos das escola Cristo significa algo luxuoso, invejável, escandaloso, top e descolada.

Fotografia 07– Venda do chopp bok's



Fonte: Paz, 2018.

2.2 O ESPETÁCULO E AS APRESENTAÇÕES

No dia 03 de outubro, ao chegar na instituição observei de longe uma mesinha que localizava-se no salão, bem em frente a sala da coordenação pedagógica; este artefato de gesso representava Cristo de acordo com a crença católica, todos os funcionários da escola, como direção, corpo técnico e alunos reuniram-se ao redor deste andor, e logo após deu-se início a um momento de oração, na qual foi realizada a leitura de um texto bíblico e foi explicado brevemente, por um dos funcionários; em seguida os alunos foram encaminhado para suas respectivas salas.

Percebi que nem todos entravam em suas salas, pois um pequeno grupo ficava no salão como de costume. Neste mesmo dia, ao transitar pela escola, percebi uma movimentação estranha no auditório, algo que me pareceu incomum, pois naquele dia não haveria ensaio do projeto; tentei entrar, mas a porta estava trancada. Um dos alunos me viu e abriu a porta. Quando entrei vi Robert e algumas das moças do projeto de dança, como Bia, Gisely e Clarisse. Sentei e observei. Carla, uma das jovens veio me cumprimentar, então, perguntei a ela se se tratava de um ensaio do projeto e ela disse que não, que as melhores alunas do projeto foram selecionadas para apresentar um número de dança na abertura dos jogos da escola; perguntei a ela quem as havia selecionado e qual seria o critério de escolha, e ela respondeu que Robert era quem as escolhia, chamando as que se destacavam mais no Grupo Educar pela pesquisa,

e enfatizou que ele só observa quem são as melhores para indicar a grupos de danças que ele conhece, externos a escola.

O que me chamou atenção era que haviam algumas meninas que estavam uniformizadas, por ser seu horário de aula, então Robert se aproximou, me cumprimentou, e conversei rapidamente com ele; logo chegou uma das professoras e sentou-se, questionando por que as moças de uniformes estavam fora de sala de aula; então disseram que haviam negociado com seus professores e haviam liberado para que pudessem ensaiar.

No dia 10 de outubro ocorreu a abertura dos jogos internos da Escola Cristo Trabalhador houve uma pequena cerimônia que teve início às 15 horas, e contou com a presença de banda, desfile com bandeiras, a corrida em volta do salão com a tocha, a entoação do hino nacional e apresentação dos alunos-atletas com suas respectivas equipes que iriam disputar os jogos. Alguns dos alunos estavam com bandanas na cabeça e nos braços, algumas inclusive escritas com batons e canetas com frases como #EleSim.

Houve discursos de abertura do representante dos professores e dos funcionários, o professor Carlos, da representante da direção e da vice direção, e Regina e Girlayne representantes dos alunos. Os dois iniciais enfatizaram seus votos para que o evento ocorresse de forma tranquila, sem violência, com respeito de todos, entretanto, deveriam ter o espírito esportivo de colaboração e comemoração. A fala da aluna Girlayne foi bastante marcante, pois vestia uma blusa com letras grandes estampando #ELENÃO; falou sobre a importância dos jogos para a escola e no final de sua fala destacou o motivo de estar vestida com aquela blusa, ou seja, o momento crítico político que estávamos enfrentando, correndo o risco deles como estudantes perderem direitos valiosíssimos com a reestruturação do ensino; ao finalizar foi bastante ovacionada por uns e vaiada por outros, inclusive os que estavam com as bandanas.

Após o cerimonial de Abertura houve a apresentação mais esperada do evento, um espetáculo encenado por dois rapazes gays e pelas dez melhores alunas do projeto, escolhidas de forma minuciosa por Robert, um dos rapazes mais populares do grupo de dança da escola. Passaram-se uns minutos após o anuncio do grupo e os alunos e alunas estavam curiosos para ver a apresentação, quando as portas do auditório foram abertas e posicionaram-se ao centro do salão; foi uma euforia

acompanhada de muitos gritos e aplausos; a equipe fúria foi anunciada, seguida por um medley de músicas, incluindo Run the world (girls) de Beyoncé; Entra na roda e ginga de Iza, copa do bumbum de Léo Santana, entre outras. As meninas enfileiraram-se para iniciar as apresentações, e ao começaram a dançar, o público vibrava; quando os dois alunos gays posicionaram-se em frente das meninas, aí que os gritos e aplauso se acentuaram.

Fotografia 08 – Equipe Fúria



Fonte: Paz (2018)

Fotografia 09 – Meninas da equipe fúria



Fonte: Paz (2018).

Fotografia 10 – Ousadia das meninas da equipe fúria



Fonte: Paz (2018)

Fotografia 11 – Show de rebolados



Fonte: Paz (2018)

Durante toda a apresentação os passos realizados eram bastante provocantes e sexy, com muito rebolado; nos ensaios já havia prestado atenção, e em uma conversa informal com Robert dias antes da apresentação, perguntei se alguém da direção ou coordenação já havia chamado a atenção do grupo pelos passos extravagantes e sensuais; ele respondeu que sim, que já haviam chamado atenção

algumas vezes e que eles já haviam cortado as partes mais pesadas da música, que foram avisados que só iriam se apresentar se respeitassem a religiosidade da escola, evitando as letras de músicas com palavrões, e que reduzissem a sensualização. Mas na hora da dita apresentação, com os gritos, aplausos e vibração dos alunos que assistiam, foi impossível que os que estavam dançando se contivessem, sendo a performance carregada de jogadas de cabelo, rebolados, requebrados até o chão, mãos deslizando pelo corpo e provocando a plateia chamando-a para dançar.

Bom é assim sabe, eu acho que é assim, todo mundo gosta de chamar atenção, assim, a gente todo ano quando tem eventos, na escola a gente sempre faz uma apresentação, a gente tem uma equipe aqui no colégio, por que assim, a gente gosta muito de dançar mesmo e por que daquelas músicas lá, por que a gente gosta de rebolar e de envolver tudo, a gente gosta de dançar de tudo e assim, é isso aí meu amor (Robert, conversação, 2018).

Logo depois da apresentação da equipe fúria, a banda convidada começou a tocar algumas músicas e os demais alunos foram ao centro do salão para dançar; o que chamou a atenção foram nas músicas tocadas pela banda, ignorando o aviso para sobre evitar certas letras de música. Em uma das diversas músicas tocadas, a letra era bastante pejorativa, e conforme iam tocando as músicas os alunos eram convidados a dançar no centro do salão, e conseqüentemente a dança acompanhava o que a música pedia, que as mulheres agachassem e rebolassem:

Você vai sentar por cima
 E o DJ vai te pegar
 Tu pediu, agora toma
 Não adianta tu voltar, menina
 Agora você vai sentar
 Dou tapinha na potranca
 Com o bumbum ela balança
 Yuri, chama de malandra
 Ela vai se apaixonar
 Agora vai sentar
 Vai sentar, vai sentar
 (Música: Agora vai sentar)

Fotografia 12 - dançando ao som da banda



Fonte: Paz, 2018.

O evento prosseguiu com a alternância de ritmos musicais, que variavam de tecno melody⁸, axé⁹, funk, entre outros, ritmos direcionados ao público juvenil da Escola Cristo; neste evento notei o embate de culturas, principalmente no que diz respeito a religiosidade do colégio e a cultura de massa; efetivamente o profano e o sagrado estiveram presentes no mesmo espaço.

O evento mais esperado do ano por todos os alunos do Colégio Cristo Trabalhador, principalmente para os que compõe o projeto educar pela pesquisa é o dia do grande espetáculo; foi realizada a divulgação por todos os integrantes do grupo, no rádio, na televisão e também via folder¹⁰. Esse evento que ocorreu no dia 20 de novembro, com início às 16 horas; o salão como de costume foi o palco para este maravilhoso evento, com os bancos organizados em forma de meia lua.

Apresentaremos agora o espetáculo sou negro, sou índio:
 um encontro de culturas mostra a resistência cultural dos povos afrodescendentes e
 indígenas durante a escravidão no
 Brasil, com seus cantos, ritmos e danças.
 (Fala de abertura do espetáculo)

⁸ Tecno melody é um ritmo musical paraense, marcado por batidas eletrônicas.

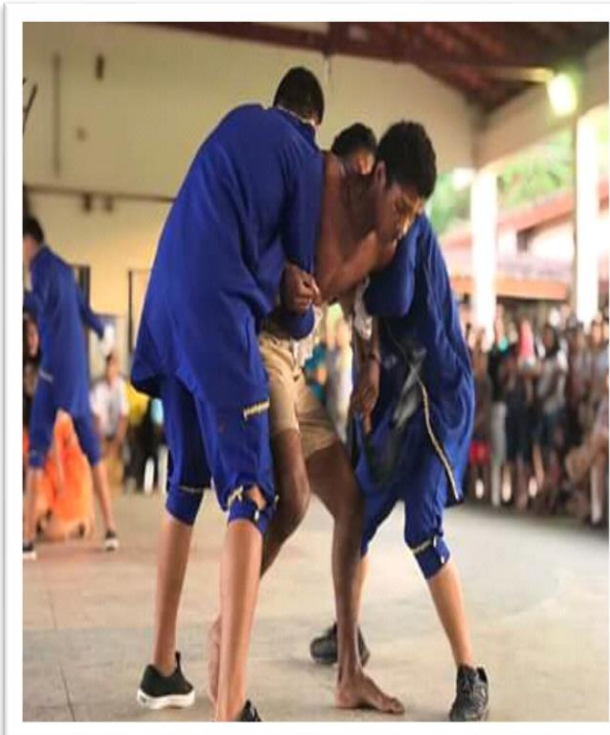
⁹ Axé é um gênero musical que nasceu no estado da Bahia na década de 80.

¹⁰ O Folder feito para a divulgação do evento encontra-se no anexo deste trabalho.

No primeiro momento houve a participação de um grupo de capoeira que foi o responsável por realizar a abertura do evento; logo depois o espetáculo iniciou-se com um dos alunos contando a história do povo indígena e africano, na qual foi feita uma explicação das lutas travadas por esses povos; um dos rapazes recitou uma poesia e em seguida iniciou-se o primeiro ato do espetáculo que consistia na representação teatral ao som de batuque¹¹, representando a luta do escravo negro resistindo para que não fosse aprisionado, seguido pela primeira dança intitulada guerreiros africanos.

Sou bravo, valente, sou nobre
 Os gritos aflitos do negro [...]
 Os povos sofridos do mundo
 no meu peito desabroçam
 Em força, em revolta
 Me empurram pra luta, me comovem
 Eu sou descendente de zumbi,
 Zumbi é meu pai e meu guia.
 (Poema declamado na apresentação do povo africano)

Foto 13 - Negro aprisionado



Fonte: Machado (2018).

Foto 14 - Guerreiros africanos



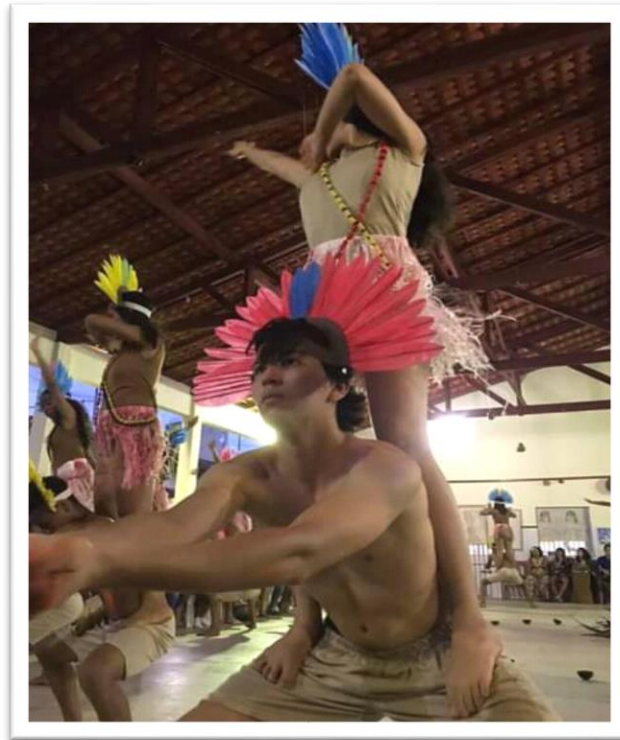
Fonte: Machado (2018).

¹¹ Batuque é uma batida que se apresenta através de som de instrumento de percussão.

Em seguida, deu-se início na dança chamada *lundum*, dança de origem africana, trazida ainda nos tempos da escravidão; em seguida dançaram em pares a dança do maçariquinho; posteriormente houve uma apresentação realizada somente pelos integrantes do projeto.

O segundo ato iniciou-se com a apresentação da dança dos indígenas, mostrando que esse povo luta para que sua cultura seja preservada; a dança indígena que para eles era a cereja do bolo, por ter sido a dança mais trabalhosa e mais elaborada.

Foto 15 – Dança dos guerreiros indígenas



Fonte: Machado (2018).

Foto 16 – Índios atirando flechas



Fonte: Machado (2018)

Em cada dança os participantes usavam adereços e características específicas, itens que retratavam a cultura que estava sendo reafirmada, e por fim o evento se encerrou de forma incrível, com uma apresentação bastante emocionante, e no fim, todos os dançarinos e envolvidos correram para o centro do salão, abraçaram-se, pularam, como em uma forma de confraternização.

2.3 O PROJETO EDUCAR PELA PESQUISA: PROCESSO EDUCATIVO E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

A experiência e vivência no projeto é capaz de constituir as identidades desses jovens, pois eles se orgulham de pertencer ao projeto, e a partir do momento que eles mesmos passam a reconhecer suas próprias particularidades no contato e na compreensão do outro. Alguns chegaram a me relatar que por serem jovens que fazem parte do projeto, muitas vezes são vistos como aqueles que não tem o que fazer, mas enfatizam que hoje são o que são, indivíduos fortes, que lutam por seus ideais apesar da sociedade não lhes proporcionar muitas oportunidades, são capazes de se aceitar apesar de todas as diferenças que os rodeiam.

Robert, relatou que em diversos momentos as pessoas riem do que eles estão dançando e expressando nas letras das músicas, pois aquilo que é diferente ainda causa muito preconceito, inclusive dentro da instituição,

Bom eu acho que assim, a diferença entra a pessoa que tá no projeto da pessoa que não tá, acho que assim... é.... por que assim, a gente quando acaba o ensaio a gente vem com passos assim, de dança que são raros de se ver por ser indígena, de índio assim e as pessoas começam a rir, a falarem mas assim, a gente fala , por que você não tira um pouco do seu tempo e vai lá ver o ensaio e pra você entender como funciona, por que isso... se eu tô dançando e ela tá rindo ela não sabe do quê que ela tá rindo, entendeu, por que ela não tá entendendo o projeto (Robert, entrevista, 2018).

Houve um momento da pesquisa em que estava na cozinha conversando com os merendeiros, quando chegou uma moça para lanchar; Márcia a elogiou e enfatizou que seus cabelos afro estavam mais lindos do que nunca; observei aquele momento e percebi que a moça deu um sorriso tímido em forma de agradecimento; após a saída da moça, Márcia disse que ela era uma participantes do projeto e que antes de participar, ela vivia escondendo-se por medo de sua aparência, dos seus cabelos “agarrados” e de sua cor negra; contou que vivia com os cabelos presos, mas que ao entrar no grupo de dança, ao integrar-se no projeto e conhecer as diferenças, as muitas culturas entrelaçadas na construção de nossa sociedade, ela passou a compreender que isso fazia parte de sua identidade e daquele momento em diante ela passou a se aceitar.

Ao conversar com um dos participantes do grupo, o Robert, ele confirmou essa experiência dessa jovem, reafirmando a mudança que houve com ela e enfatizou mais ainda que o projeto os ajuda a compreenderem quem são, a não ter vergonha de si e de sua cultura.

[...] tem uma colega minha que a professora falou que ela veio esse tempo participar do projeto, ela vivia com o cabelo preso, ela não usava os seus acessórios por que ela tinha vergonha de se mostrar, a mãe dela é mãe de santo, e ela tinha vergonha de se mostrar e quando ela chegou todo mundo tratou ela super bem, super maravilhosamente, aí ela começou a o que... a soltar o cabelo, usar os seus acessórios, ser tratada como qualquer um dos colegas (Robert, entrevista, 2018)

Uma das formas de tratamento empregadas aos participantes do projeto é do de Celebidades; percebi que serem chamados assim tem bastante impacto na sua identidade e nas suas atitudes e envolvimento com a preparação do espetáculo. Todos que estão lá buscam dar o seu melhor e ajudar no que podem para o que evento seja um verdadeiro sucesso. Suas identidades são constituídas de forma que eles procuram esse respeito dentro da instituição, não como forma de oprimir quem não seja uma

celebridade, mas mostrando que eles estão lá e que esse acontecimento é tão importante para eles como para a escola; ao ser questionados sobre como se sentem ao ser chamados por celebridades.

O que eu acho dela chamar a agente de celebridades, eu sinceramente, eu me sinto muito elogiado por vim dela né, por que uma professora maravilhosa, que ensina todo mundo, que ensina, que aprende, que apoia, quando é pra puxar orelha ela puxa, quando é dar apoio ela apoia, quando é pra dar várias coisas, então assim eu acho assim que ela tá sempre do nosso lado, então se você perguntar pra todo mundo, todo mundo vai dizer que ela é maravilhosa, por que ela é maravilhosa, acabou, entendeu, é isso! (Robert, entrevista, 2018).

Rapaz, eu acho que ela tá certíssima! Celebridades somos nós e ela né, que estamos fazendo o espetáculo, por que, a gente tá se achando, mas cá entre nós, o que a gente faz é uma coisa que vale muito apena, é uma coisa que a gente faz de corpo e alma, então é uma coisa muito bem feita, então acho que ela tem toda a razão de chamar a gente de celebridades, e pra mim não teria problema nenhum se ela não chamasse, por que o maior pagamento que ela pode me dar é reconhecer o meu esforço, meu trabalho, então eu reconheço também o seu esforço e tenho muita admiração pela professora (Felipe, entrevista, 2018).

É a professora é tudo né. Maravilhosa. Não sei nem o que falar, por que além de ser uma forma carinhosa da gente ser chamado, ela é que nem uma mãe pra todo mundo, pelos ensinamentos que ela dá e tudo o que a gente aprende com ela, e amor, e carinho, do jeito dela mas ela dá, então acho assim que é um forma carinhosa de chamar a gente de celebridades, por que pra ela a gente somos celebridades, de tá lá acompanhando com ela, participando do projeto dela, então quando ela fala isso acho que é dessa forma que ela tenta reconhecer o trabalho assim (Lariely, entrevista, 2018).

Acho que tipo assim, essa é uma forma carinhosa dela chamar as pessoas, como todo mundo falou, uma forma de reconhecer o trabalho e tudo mais, mas principalmente, que tem muitos alunos que passam por problemas na casa, então ela fala isso como se fosse um conforto pra alguns, pra eles se sentirem bem, então de certa forma ela quer ajudar os alunos pra eles, se sentirem mais felizes, mais alegres, realmente ela apoia muito a gente, ela conversa e tudo mais, então ela é uma professora Mara (Ronildo, entrevista, 2018).

O reconhecimento de quem nós somos constitui-se através de tudo aquilo que nos cerca, todas as influências presentes em nosso meio são capazes de codificar, efetivar e transformar as identidades. Silva (2000) enfatiza que a construção identitária é marcada por signos, ou seja, o reconhecimento se dá de forma relacional, de modo que o sujeito só compreende o que é pelo que não é, portanto

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (SILVA, 2000, p.17).

A partir daquilo que se é, da identidade, aquilo que me constitui como sujeito, passo a compreender que sou diferente do outro, aquilo que o outro é pode me parecer estranho, Silva (2000) enfatiza que a diferença é sustentada pela exclusão. Para Dayrel (2007) experiência desses jovens nos grupos musicais revela múltiplos significados, interferindo diretamente na forma como se constroem e são construídos como sujeitos sociais e como elaboram determinada identidade individual e coletiva.

Silva (2000) diz de que é pelo valor das representações que se dá sentido à experiência daquilo que nos constitui, ou seja, pelas importâncias que damos aos significados existentes é que as identidades, tanto individual ou coletivas são estruturadas. Na escola Cristo Trabalhador, pode-se dizer que o projeto educar pela pesquisa é um grande marcador identitário desses alunos, pois requer que eles sejam engajados, tenham compromissos e responsabilidades; a contrapartida é o reconhecimento, o carinho, o apoio, o respeito de colegas e professores, traduzido no tratamento de celebridades que lhes é direcionado e que faz toda a diferença para que eles se reconheçam, se aceitem, se tornem seguros e autônomos.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (SILVA,2000, p.18).

Toda a forma de significação no que tange a constituição de identidade do sujeito era visível nos alunos da Escola Cristo Trabalhador, pois era notório identificar os que faziam parte do grupo educar pela pesquisa, os participantes do projeto eram os mais abertos a conversas, os mais estilosos, constituíam-se de forma que acreditavam em si e em seu potencial. Silva (2000), enfatiza que as identidades são marcadas por símbolos, características que ajuda na definição de determinado sujeito, pois existe a ligação entre quem o indivíduo é o que o auxilia na sua própria construção. Silva (2000) argumenta que, só é possível compreender os significados dos sistemas se reconhecermos as posições-de-sujeito que produzem e como os sujeitos são posicionados em seu interior.

Para grande parte dos integrantes o grupo, participar do grupo de dança é bem mais que somente um projeto da Escola Cristo Trabalhador; a professora Nazaré sempre deixava claro que eles eram como se fossem membros da família dela, seus filhos, por isso sempre os aconselhava a ajudar uns aos outros, respeitarem-se, em todas as reuniões deixava claro que era importante respeitar as diferenças e opiniões

mesmo se fossem contrárias e que deveriam sempre conquistar seus ideais lutando e não brigando, ela sempre dizia que tinha que ser ética como profissional, os educando para que estejam preparados quando ela deixar a responsabilidade nas mãos deles, para que possam acreditar em si mesmos e ver sua capacidade, reitera dizendo que eles são educados para escutar, mas quando ela pede que vão e façam, também estão educados a fazer, ela deseja muito que eles possam desenvolver sua autonomia.

Uma das temáticas de uma das reuniões, entre as conversas relativas aos preparativos do espetáculo, se deu por conta da preocupação da professora com um dos integrantes do projeto, que segundo ela estava se distanciando das atividades da escola; ela precisou da logística para criar uma estratégia no projeto a fim de ajudá-lo, para que ele não continuasse com uma perspectiva de vida julgada errada. Ao conversar com a equipe de logística, decidiram colocá-lo como chefe de figurino, destacando que apesar de ser um trabalho árduo e indispensável, ele poderia ver o quanto tinha talento e visualizar suas potencialidades. A professora Nazaré sempre enfatizava que os alunos conseguiam desenvolver-se para a tomada de decisões por conta da responsabilidade que eles tinham dentro do grupo, e buscava sempre construir responsabilidades através da designação de tarefas. Percebi que era algo que dava certo, pois eles sentiam-se felizes ao realizar suas atividades e ser participantes de decisões que ajudavam seus colegas e melhorias para o projeto.

Nessa perspectiva, nenhum indivíduo nasce homem, mas constitui-se e se produz como tal, dentro do projeto de humanidade do seu grupo social, num processo contínuo de passagem da natureza para cultura, ou seja, cada indivíduo, ao nascer, vai sendo construído e vai se construindo enquanto ser humano (DAYRELL, ano 1996, p. 6).

Portanto, é válido reiterar que, diferente da representação hegemônica de que que os jovens têm muita energia para coisas erradas, como baderna, bagunça, namoro, desrespeito, ousadia, não querem nada com a vida, etc., o projeto visa encontrar suas potencialidades nessa fase de construção da vida adulta, para que assim possam desenvolver-se. Nessa construção observei que esses jovens eram formados para pensar em si e também no outro, ou de que forma poderiam ajudar o próximo.

Portanto, a escola Cristo Trabalhador é uma instituição que busca a formação efetiva dos seus alunos, procura sempre a educação de qualidade oferecendo tanto de saberes técnicos, religiosos e seculares aos estudantes. Ligado a isso, temos um espaço educacional que viabiliza chegar ao objetivo que a escola propõe que é a

educação como agente transformadora, capaz de gerar meios para que o indivíduo alcance seus objetivos profissionais e culturais.

Contudo, como todo espaço é carregado de significados, pessoas e vivências diferenciadas, a escola é um espaço que propícia a manifestação de diversas culturas, promovida e incentivada pelo grupo educar pela pesquisa; os jovens que fazem parte desse grupo são ensinados a ver as diversas perspectivas de vida sem esquecer quem realmente são, são incentivados a descobrirem-se e a delinear sua formação através de suas potencialidades, assim contribuindo com algo significativo não somente para a instituição mas também para sua vida.

Esses jovens acabam sendo movidos a lutar por seus ideais, tanto de forma individual como coletiva, pautando seu crescimento e desenvolvimento na ética e no respeito, aprendendo a olhar para o outro e respeitar todas as diferenças e divergências que existem. O projeto também ajuda os jovens a compreenderem como foram constituídos e ensinados, e que sua construção se dá através de várias nuances e resquícios culturais que são decodificados com o tempo, resultando em recriações e reformulações identitárias.

O projeto Educar pela Pesquisa ensina-os a compreenderem o que são, a se reconhecerem e como tudo isso se constitui com o passar do tempo, influenciados pelo bairro, pelos amigos, pelas pessoas a sua volta, por uma história que já existiu, existe e que ainda existirá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma pesquisa no cotidiano da escola Cristo Trabalhador, a partir de uma experiência etnográfica que me possibilitou compreender a relação entre a dança presente no espaço escolar por meio da presença do grupo educar pela pesquisa, e avaliar sua contribuição na constituição e no reconhecimento das identidades culturais dos jovens alunos participantes; além disso, destaco a importância de identificar e reconhecer multiculturas presentes neste ambiente.

A pesquisa etnográfica me permitiu viver a escola para a melhor compreensão do que ocorre no seu cotidiano; possibilitou ver como o espaço escolar se encontra carregado de significados e como esses signos se tornam agentes essenciais para a construção do indivíduo, considero que esse método consequentemente possibilitou êxito para que esse trabalho fosse repleto de valiosas informações.

As reflexões de Juarez Dayrell em relação a identidade juvenil e Tomaz Tadeu da Silva sobre identidades, a partir da perspectiva dos estudos culturais, me auxiliaram significativamente para que pudesse ter a compreensão de como essas identidades se constroem e desconstroem tendo por referência tudo o que cerca o indivíduo.

Ao analisar o grupo educar pela pesquisa, pude ampliar minha visão acerca dos estudos culturais o que possibilitou compreender melhor multiculturas presentes no espaço e notar as possibilidades que uma instituição educacional pode ampliar no horizonte de seu alunado, a fim de compreensão de si mesmo, através de suas culturas, vivências que acabam contribuindo para reflexão das construções que o englobam e permeiam aquilo que está a sua volta.

Enfatizo que os signos constituintes da cultura na Escola Cristo Trabalhador, emergem de culturas variadas que se fazem presente nos interstícios de práticas e cotidiano da instituição. Portanto, as manifestações culturais nesta escola emergem de diversas formas, sendo possível perceber que estão implícitas no espaço, nas marcas culturais que os alunos já trazem de suas vivências, reestruturando e constituindo novas culturas e identidades no espaço escolar.

As manifestações encontradas na escola lócus da pesquisa, que estão na sua espacialização, nas experiências cotidianas e o projeto educar pela pesquisa, nos conflitos diários e nas resistências, nas manifestações de liderança, de autonomia e de reconhecimento identitário, auxiliam na a formação dos jovens a respeito de sua própria cultura e de quem são individualmente. O projeto educar pela pesquisa contribui na

formação educativa de modo a ressaltar as identidades coletivas e individuais, ensinando o respeito e a tolerância acerca das diferenças. Essa construção se dá a partir daquilo que é diferente, mas sempre buscando pautar que as dessemelhanças devem ser vistas com respeito.

Os alunos do projeto educar pela pesquisa de forma particular, tem sua identidade juvenil constituída do ponto de vista da responsabilidade coletiva, e os coordenadores do projeto sempre buscam identificar suas potencialidades a fim de usá-las e mostrar que todos, em suas singularidades, têm algo a contribuir. A identidade juvenil sempre vem representada como baderna, irresponsabilidade, bagunça, extravagância, etc.

O projeto “Educar pela pesquisa” busca desconstruir esses olhares de forma que usa todos esses predicados de forma positiva e significativa para aliar forças ao projeto, aqueles que são extravagantes, bagunceiros são os que são as celebridades, que tem responsabilidades para guiar o projeto, e juntamente com os professores tem o dever de ajudar-se uns aos outros; são aqueles que vêm seu potencial, através da dança, desenho, poesia, artesanato, artes, ao expressarem-se, etc. O orgulho que sentem ao serem reconhecidos é marcante pois todos vem falar do projeto como fosse um pedacinho de si próprio, um sonho conjunto concretizado pela contribuição de todos.

Posso dizer que a partir do momento que o olhar se refina para a compreensão desses signos nos interstícios da escola, cada vez mais nos tornaremos profissionais mais efetivos, na luta por proporcionar aos alunos respeito as diferenças, a reconhecerem-se a partir de sua vivência, a compreendem a individualidade de cada um. Penso que esse trabalho não se completa, mas possibilita que o conhecimento seja ativo no movimento de buscar compreensão para os signos que nos envolvem e que na maioria das vezes se torna imperceptível.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paula Deporte de. COSTA, Mariza Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**. v.17 n.34, p.48-63. Canoas, 2015.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. 14ª ed. Campinas: Papirus, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. **Identity**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. A juventude é só uma palavra. Entrevista a Anne-Marrie Métaillié. **Les jeunes et le premier emploi**. Paris: Association des Ages, 1978.
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1989.
- CERTEAU, Michel de. Trad. ALVES, Ephraim Ferreira. **A invenção do cotidiano**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 4ª ed. Rio de Janeiro: UFFJ, 2011.
- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre a educação e a cultura: A escola como espaço sócio cultural**. Belo Horizonte, p. 01-27 Ed. UFMG, 1996. Disponível em <https://pt.slideshare.net/profesonlineedu/texto-a-escola-como-espao-scio-cultural-dayrell-dia-02-de-setembro>
- _____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136. 2002 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>
- _____. A escola “faz” as Juventudes? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- DAYRELL, Juarez; FRAGO, Antônio V.; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: Arquitetura como programa**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 5ª ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart.-Trad. SILVA, Tomás Tadeu e LOURO, Guacira Lopes. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Alves, 2006.
- MINAYO, Cecília de souza. **A Pesquisa Social**. 34ª ed. São Paulo: Vozes, 2015.
- PPP. **Projeto Político Pedagógico**. Colégio Cristo Trabalhador. Abaetetuba/Pará, 2008.

RENGEL, Lenira (2014). **Ler a dança com todos os sentidos** [versão eletrônica]. Disponível em <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140353Ler%20a%20danca%20com%20todos%20os%20sentidos.pdf>. Acesso em 2 abr. 2018.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. **A tradução da tradição em práticas curriculares no colégio estadual Paes de Carvalho**. Tese de Doutorado. Belém, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Hall, Stuart e Woodward, Katheryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 12ª ed. São Paulo: Vozes, 2000.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<http://www.qedu.org.br/escola/25533-eeefm-cristo.trabalhador/sobre>

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

APÊNDICES

Questionário para os alunos

- 1-O que você entende pelo projeto?
- 2- Por que você participa do projeto?
- 3- Você acha que a escola oferece o apoio necessário para o projeto?
- 4- Você acha que ao participar do projeto afeta na sua personalidade?
- 5- O que você acha da professora chamá-los de celebridade?
- 6 - Quem você era antes de participar do projeto?
- 7- Como seria para você se o projeto acabasse?

Questionário para o professor

- 1-Com que objetivo o projeto foi criado? Em que ano foi Criado? Qual a importância dele para a escola?
- 2- Como participar do projeto reflete no comportamento dos alunos?
- 3- A escola oferece apoio ao projeto?
- 4- O que você acha de eles serem chamados de celebridades?
- 5- O que significa para você participar do projeto?

ANEXOS



**AS ESCOLAS ESTADUAIS CRISTO TRABALHADOR
E STELLA MARIA APRESENTAM:**
*Projeto Educar Pela Pesquisa -
ANO 2018.*
**Espectáculo de Dança e Teatro: Sou Negro,
Sou Índio.**



***Mais que um encontro das águas, um
encontro das culturas.***

Dia: 20 de novembro de 2018
Local: Escola Cristo Trabalhador
Início: 16h30'
Elaboração e coordenação: Profª Nazaré Cardoso
Direção artística: Prof. Valter Mendes.

VOCÊ É CONVIDADO/A ESPECIAL!